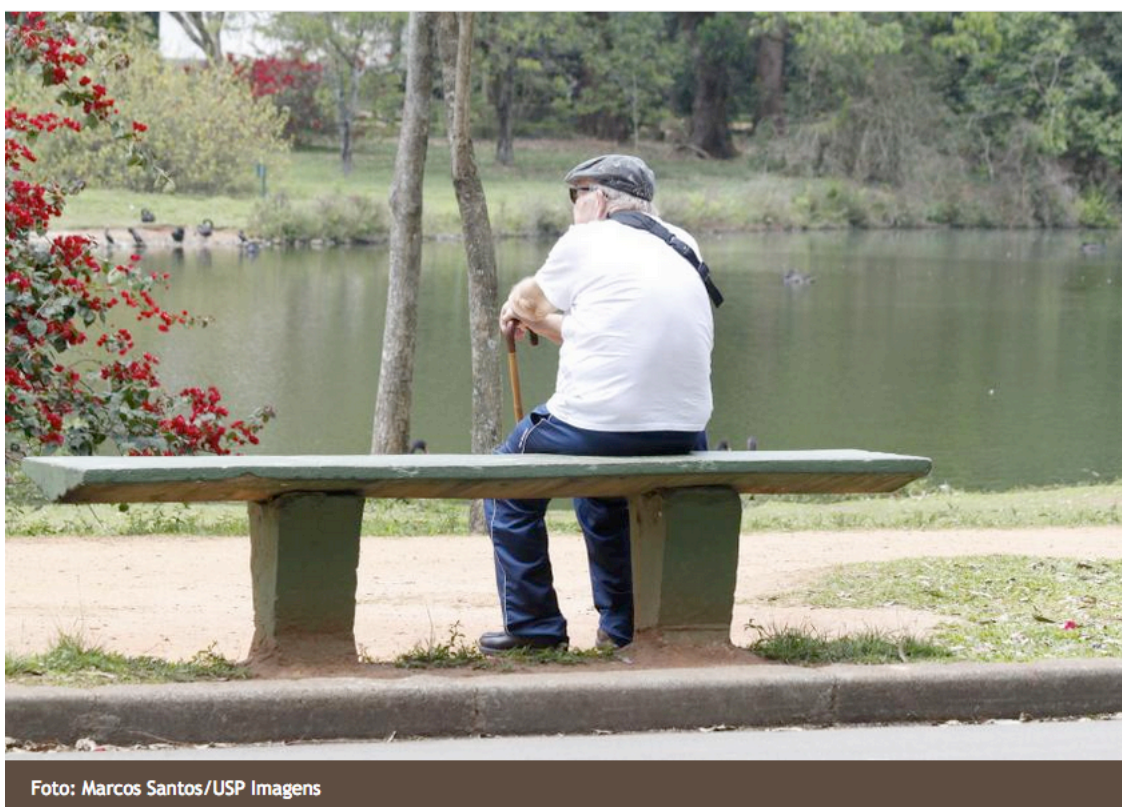


Envelhecimento? O que temos com isso?

Considerações sobre o contexto do envelhecimento na sociedade atual

Ana Célia Soares Gomes
Flamínia M.M. Lodovici
Suzana Carielo da Fonseca



A população mundial está envelhecendo, incluindo o nosso país. Segundo indicam os dados do Censo Demográfico Brasileiro (2010) verifica-se uma crescente diminuição da taxa de fecundidade - de 6,1 em 1950 para 1,7 filho por mulher atualmente - ou seja, um número menor de nascimento de bebês. No entanto, o brasileiro vive 43 anos a mais que no início do século tendo, assim, passado a viver em média até os 73,5 anos. Os dados revelam que, em menos de 10 anos, teremos um achatamento no formato da pirâmide etária, devido a esses fatores: o rápido envelhecimento populacional e diminuição da natalidade.

Entretanto, não é possível prever como viverão os velhos em relação à saúde, renda e autonomia, pois, hoje, o Estado brasileiro tem se mostrado inapto para resolver necessidades sociais básicas, como alimentação, educação e saúde. Será que em um futuro próximo o Estado conseguirá suprir as necessidades de uma sociedade longaeva? Além dos problemas relacionados à má gestão dos

recursos financeiros, o envelhecimento é tratado como um 'problema' social, fomentado por informações distorcidas que não revelam a realidade financeira previdenciária.

A tese de doutorado intitulada "A falsa crise da seguridade social no Brasil: uma análise financeira do período 1990 – 2005", de Denise Gentil (2006), traduz a deformidade produzida para o convencimento de que na velhice somos, ou seremos um peso social quando, na verdade, ao olharmos por outro prisma, nos damos conta, de que contribuímos mais com o Estado, por meio dos impostos pagos, do que recebemos.

O impacto desse mascaramento da realidade traz consequências sociais graves que dizem respeito ao modo como as pessoas pensam e vivem em e na relação com o longo. Debert (2011), com base em fatos históricos, realiza uma reflexão em relação à forma como a velhice vem sendo representada em muitas culturas e chama especial atenção para o modo como o brasileiro constrói suas representações de velhice.

Para a autora, os modos de tratamento que cada grupo social utiliza ao nomear as pessoas, ao longo dos seus ciclos de vida, revelam experiências culturais distintas, pois é a partir dessa atribuição de valores que é possível enveredar para direções diferentes, até mesmo opostas, de entender a velhice, as quais trazem consequências com relação à forma através da qual as pessoas se relacionam em sociedade.

Nos diferentes momentos do ciclo da vida há modos distintos de transformações orgânicas, econômicas e políticas, que produzem impacto social, na medida em que os marcos existenciais operantes no decorrer da vida - como a idade escolar, a maioria civil, o ingresso do mercado de trabalho - trazem exigências e demandas singulares ao Estado.

Jung (1922) citado por Silveira (1997, p.159) nos fala do marco existencial que é a velhice, dizendo que "tão intensamente e incansavelmente como a vida sobe antes de atingir a metade de seu curso, desce ela agora a outra vertente, pois sua meta não está no ápice, mas no vale onde começou a subida".

Considera que na velhice temos a possibilidade de contemplar o que foi conquistado e, à luz dessas experiências, podendo avaliar, com conhecimento de causa, as decisões que devem ser tomadas no presente.

Debert sugere a revisão dos estereótipos substituindo perda por conquistas amadurecidas, resultado das experiências vividas e os saberes acumulados. A sabedoria construída ao longo da vida pode, por exemplo, possibilitar: a identificação e exploração de oportunidades, o resgate de antigos sonhos e a troca entre gerações. Esse novo olhar em relação ao envelhecimento traz enormes ganhos sociais. Como afirma Merleau-Ponty (1992, p. 118):

Do mesmo modo que a nervura sustém a folha por dentro,
do fundo de sua carne, as ideias são a textura da

experiência; seu estilo, primeiramente mudo, em seguida proferido. Como todo estilo, elas se elaboram na espessura do ser, e não apenas de fato, mas de direito não poderiam ser separadas para serem expostas ao olhar.

A fala com sabedoria é carregada de sentidos, que são dirigidos aos interlocutores, na medida em que revela lembranças, que ao serem contadas se atualizam no presente e retornam a quem a profere, que ao se ouvir, tem a oportunidade de reeditar suas vivências. É dessa forma que se instaura o ser político e histórico, que não teme a autoria pela construção social e, que, ao participar dela, não a teme, porque a conhece. Mas, será que damos ouvido à sabedoria?

O Brasil atual vivencia uma cegueira com relação à sabedoria adquirida ao longo da vida, focando o declínio das habilidades na velhice, ou mesmo seu 'apagamento', na busca desenfreada pela eterna juventude. Assim, por conta do não enfrentamento da sociedade em relação ao real processo de envelhecimento, o desenvolvimento de bens de consumo distanciam-se cada vez mais dos produtos essenciais a essa faixa etária.

O mito do poço da eterna juventude expressa o medo das perdas, uma manifestação do quanto é difícil viver o envelhecimento, tanto mais em sociedades que olham o velho pela ótica da falta, ao ver alguém que tanto contribuiu ou abasteceu os cofres públicos, como um peso caro a ser pago pela sociedade.

Equações financeiras equivocadas são veiculadas nas mídias, que projetam nos velhos a culpa pela falta de recursos previdenciários, para os quais contribuíram durante muitos anos, por meio do trabalho, e esperando por um futuro digno. O que recebem em troca é uma vida de privações em um cenário de desatenção.

Os 'experts' em contabilidade atingem sua dignidade ao sugerirem que duas, das quatro medidas necessárias para assegurar a viabilidade do sistema, estão diretamente relacionadas ao envelhecimento da população: no aumento da idade para entrar no processo e na diminuição dos valores a serem repassados na época da aposentadoria.

Nessas informações há um forte apelo à comunidade economicamente ativa para que esta busque no sistema de aposentadoria privado um modo de obtenção dos recursos necessários para a manutenção de serviços básicos na velhice, já que o Estado se declara inapto a devolver ao velho o que lhe é de direito.

Essa tese é viva em nossa sociedade e traz a seguinte mensagem subliminar: a velhice é uma etapa da vida desagradável. Transforma os problemas desta faixa etária em responsabilidade individual, quando, na verdade, os problemas estão relacionados a uma gestão pública ineficiente, que produz distorções nos

dados, por meio de equações que não representam a realidade dos fatos. Esse discurso é extremamente pernicioso à sociedade, pois pode promover como efeito a quebra nas relações entre gerações.

A este respeito, Debert (2004, p. 4), assinala que “transformar os problemas da velhice em responsabilidade individual e apontar a inviabilidade do sistema financeiro dos custos da idade avançada é recusar a solidariedade entre as gerações”.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Qual a retribuição dada por uma sociedade que não valoriza os anos de experiência e de contribuição, durante uma vida ativa, na construção da sociedade? É possível inverter a ótica da sociedade atual? Como restabelecer as relações entre gerações? Como promover mudanças que tragam mais dignidade na velhice?

Nessa linha de pensamento, Agamben (2009) afirma que ser contemporâneo contribui na construção de uma nova visão da sociedade. É pensar a contemporaneidade através da des-homogeneidade no tempo, colocando em ação uma relação especial entre os tempos, trazendo o passado para o presente, relacionando-o com o tempo atual para lançar luz sobre as sombras da atualidade. É poder prefigurar o presente. Pois, projetando a sombra do passado é possível responder às trevas do agora.

É contemporâneo aquele que não é perfeitamente coincidente com seu tempo, que pensa o hoje relacionando o agora com o que foi vivido, um processo dinâmico de aproximação e distanciamento no tempo. Afirma Jung (1922), citado por Silveira (1997, p.151):

Eu percebia cada vez mais a beleza e a claridade do dia quando a luz dourada do sol brincava através das folhagens verdes. Mas tinha o pressentimento da existência de um mundo de sombras, cheio de interrogações angustiantes, ao qual eu não poderia escapar.

É viver pensando a nossa realidade dentro de uma “nova estrutura do tempo” em um “tempo-sujeito”, em que a experiência e o conhecimento andam juntos e constroem um sentido ampliado de vida que se abre em círculos em um campo aberto para experiências de reconhecimento e interesse mútuo (MUCHAIL, 2008). Somos, assim, levados pelos afetos inter-humanos ao “olhar perspectivo”, ou seja, nas palavras de Merleau-Ponty (1992) “a racionalidade

passa do conceito para o centro da práxis”, lugar de imprevistos e acasos, espaço aberto a um porvir.

Esse futuro depende diretamente da “atmosfera”, ou seja, das ligações entre as pessoas, que envolve os homens em uma espécie de ‘afinidade’: reconhecem-se uns aos outros, interessam-se uns pelos outros, nas suas semelhanças como nas suas diferenças, na sua simultaneidade como na sua sucessão, nos meandros e nos desvios, nas solidariedades e nas inquietações, na ‘desordem da história’ (MUCHAIL, 2008).

A história que segue traz um exemplo dessa construção em aberto fruto da interação entre as pessoas¹.

Havia um homem muito rico vivendo numa aldeia. Ele era sempre muito emotivo e sofria de uma dor de cabeça muito severa. Um dia ele fez um anúncio ao público: daria um grande prêmio para quem conseguisse curá-lo desta horrível dor de cabeça. Muitas pessoas incluindo médicos vieram e lhe ofereceram conselhos de como curar a dor de cabeça, mas não houve melhora no seu estado.

Um dia, um homem santo veio visitar o homem rico e depois de ter sido informado sobre o seu padecimento, o homem santo disse ao homem rico: "É muito fácil curar sua dor de cabeça. Tudo o que você tem a fazer é ver a cor verde em qualquer lugar o tempo todo!". O homem rico ficou muito feliz porque isto seria muito fácil para ele fazer.

No dia seguinte, o homem rico contratou centenas de pintores para pintar a aldeia inteira com tinta verde. Sendo rico, ele comprou roupas verdes para todos os aldeões usarem. Ele estava vendo verde por todos os lugares como aconselhado pelo santo homem e sua dor de cabeça começou a desaparecer. Ele estava agora sorrindo mais e se tornando muito mais feliz.

Poucos meses depois o homem santo voltou para visitar o homem rico, mas defrontou-se com um dos pintores. "Não! Não! Você não pode vir para esta aldeia vestindo roupa dessa cor! Eu vou pintar você de verde!". O homem santo correu e escapou para dentro da casa do homem rico.

O homem santo encontrou o homem rico dentro da casa e ralhou com ele: Por que gastou tanto tempo e dinheiro para mudar tudo ao seu redor? Eu nunca disse a você para ir e pintar tudo de verde. Tudo o que você precisa é usar um óculos verde, e verá tudo verde ao seu redor!

Essa fábula mostra que as mudanças acontecem em resposta às experiências relacionadas com as formulações próprias de cada pessoa. O homem rico considerou ser necessário alterar tudo ao seu redor para resolver seu

¹ Trecho sem autor e data, parte das referências do Curso Básico em Valores Humanos, realizado na Instituição Educativa Sri Sathya Sai. São Paulo, 2010.

problema, mas para o homem santo era preciso mudar o modo de pensar sobre a sociedade para que a realidade fosse alterada.

Na história, o rico representa o foco na experiência e o santo o alicerce no pensamento, no entanto vivência e conhecimento operam simultaneamente, já que prática e pensamento caminham juntos, em uma relação marcada pelo efeito de nossa posição no mundo.

Tomando por exemplo a história, a mudança para a solução do problema traz mudanças no mundo e nos sujeitos tanto pela ideia do rico quanto do santo. Os objetos ficam verdes, porque o homem rico assim o determinou, e como resposta a essa alteração do meio há uma mudança da visão das pessoas a respeito do espaço em que vivem. Sob a intervenção no olhar, proposta pelo sábio, com o uso dos óculos coloridos o homem é afetado por uma nova visão, que manifesta e modifica não apenas o espaço que o cerca mas atinge uma rede aberta e indeterminada de pessoas. As duas formas de expressar o desejo pela mudança trazem efeitos, já que mundo e sujeito mais que se entrelaçam: se fundem na produção do ser história.

Logo, o caminho para as mudanças sociais está na interação entre as pessoas e nos efeitos promovidos pela sabedoria produzida a partir de nossos afetos e vice-versa. Nessa via de mão dupla somos tocados e tocamos as pessoas. Não é possível prever o futuro, mas os efeitos de nosso modo de ser e estar no mundo produz novas redes de significações, que se abrem para mudanças.

Estas reflexões têm como propósito provocar certo incômodo, na esperança de buscar atitudes transformadoras do futuro, enquanto uma oportunidade de mudança no cenário de nossa velhice, afinal, não só temos relação com o envelhecimento como somos o envelhecer, na medida em que o tempo vive em nós, a cada dia um dia a menos em nossa existência e uma história a mais para contar.

Referências

AGAMBEM, G. *O que é contemporâneo?* Santa Catarina: Ed. Unochapecó Chapecó, 2009.

CAMARANO, A. A. *O novo paradigma demográfico*. Instituto de Políticas Públicas Aplicadas. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

DEBERT, G. G. *Velho, terceira Idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice*. Campinas, SP, 2011.

http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=56:velho-terceira-idade-idoso-ou-aposentado?-sobre-diversos-entendimentos-acerca-da-velhice&tmpl=component&print=1

DEBERT, G.G. *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: EDUSP, 2004.

GENTIL, D. L. *A falsa crise da Seguridade Social no Brasil: uma análise financeira do período 1990 – 2005*. Instituto de Economia da Universidade do Rio de Janeiro, RJ, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MUCHAIL, S. T. *Merleau-Ponty e a história*. Natal: Cronos, 2003.

NÓBREGA, T.P. *Corporeidade e Educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. Natal: Ed. UFRN, 2000.

SILVEIRA, N. *Vida e Obra de Jung*, 16ª Edição, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997

Data de recebimento: 12/10/2016; Data de aceite: 28/11/2016.

Ana Célia Soares Gomes - Fonoaudióloga e arte terapeuta. Discente do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gerontologia-PUC. E-mail: soaresanacelia@hotmail.com

Flamínia M. M. Lodovici - Graduada em Letras. Especialista em Língua e Literatura Francesa; Teoria da Literatura e em Linguística. Mestre e doutora em Linguística (IEL/Unicamp). Docente do Departamento de Linguística-PUC-SP e do Mestrado em Gerontologia/PUC-SP Docente do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gerontologia-PUC-SP. Pesquisadora do Núcleo de Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). E-mail: flalodo@terra.com.br

Suzana Carielo Fonseca — Fonoaudióloga. Mestre e doutora em Linguística (LAEL/PUC-SP). Docente do Departamento de Linguística-PUC-SP e do Mestrado em Gerontologia/PUC-SP Docente do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gerontologia-PUC (Cogeae-PUC-SP). Fonoaudióloga e pesquisadora do Serviço de Patologias da Linguagem e Coordenadora do Centro de Atendimento ao Afásico da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC-PUC-SP). Pesquisadora do Núcleo de Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) E-mail: scfonseca@pucsp.br.